

*Caro amigo, nas horas poeirentas e intemporais da cidade, agora que as ruas jazem negras e exalam nuvens de vapor na esteira dos camiões-cisterna e agora que os bêbedos e os sem-abrigo desaguaram nas vielas e nos terrenos baldios, abrigados junto aos muros, e os gatos vagueiam nas soturnas cercanias, esguios e de espáduas altaneiras, agora nestas galerias empedradas ou de tijolos enegrecidos de fuligem onde as sombras dos fios eléctricos formam uma harpa espectral nas portas das caves, ninguém caminhará senão tu.*

*Velhos muros de pedra que resistiram, indemnes, às intempéries, com ossos fossilizados ocultos nas suas estrias, escaravinhos calcários alojados nas pregas desta planura, outrora leito de um mar interior. Árvores magras e escuras que se avistam através da estacaria metálica, mais além, onde os mortos habitam uma pequena metrópole só sua. Uma curiosa arquitectura de mármore, estelas e obeliscos e cruces e pequenas lápides gastas pela chuva em cuja face os nomes se esbatem com o passar dos anos. A terra repleta de amostras da arte do fabricante de ataúdes, ossos reduzidos a pó e seda apodrecida, as vestes dos mortos manchadas de carne putrefacta. Lá adiante, à luz azul dos candeeiros, os carris do eléctrico perdem-se nas trevas, curvos como esporões de galo ao lusco-fusco de ouropel. O aço exala o calor do dia, podes senti-lo através das solas dos sapatos. Deixa para trás as paredes de chapa ondulada destes armazéns e percorre as ruelas arenosas onde carros esventrados repousam, sorumbáticos, sobre pedestais de tijolos de cimento. Atravessa maciços labirínticos de sumagre e erva-tintureira e madsilva ressequida que dão para os taludes barrentos do caminho-de-ferro, cobertos de sulcos e entalhes. Trepadeiras cinzentas enroscadas para a esquerda neste hemisfério setentrional, torcidas pela mesma força que molda a concha do burrié. Ervas daninhas que brotaram da cinza, entre tijolos. Uma escavadora a vapor de pá erguida, recortada sobre o céu nocturno num abandono solitário. Atravessa aqui. Sobre carris bifurcados e eclises onde as automotoras roncam como leões na escuridão do parque ferroviário. Penetra numa cidade mais sombria, deixa para trás candeeiros de lâmpadas partidas à pedrada, choupanas fumegantes de paredes oblíquas e cães de porcelana e pneus pintados onde crescem flores sujas. Percorre pavimentos lacerados pela devastação, o lento cataclismo do abandono, os fios eléctricos que pendem, barrigudos e envoltos em cordéis de papagaios-de-papel, de poste em poste, por entre as constelações, adornados com toscas gravatas feitas de garrafas atadas aos pares pelos gargalos ou brinquedos de peizes. O acampamento dos danados. Terrenos, quiçá, onde leprosos de lábios gotejantes deambulam sem sineta. Acima do calor e da improvável silhueta*

*dos prédios da cidade, uma lua de latão elevou-se e as nuvens correm diante dela como borrões de tinta aguada. Os edifícios gravados sobre o céu nocturno assemelham-se a um baluarte com vista para um mundo distante e abandonado, esquecidos os seus usos originais. Campónios palmilham quilómetros para aqui chegar, com terra agarrada aos sapatos, e quedam-se todo o dia sentados na praça do mercado como se fossem mudos. Nenhum paradigma conhecido presidiu à edificação desta cidade, reina aqui uma arquitectura híbrida que recapitula as construções humanas num esboço fugaz de tudo o que é aberrante, caótico, louco. Uma orgia de formas erguida na planície ribeirinha, sugando a seiva da terra quilómetros e quilómetros em redor.*

*Muros de fábricas feitos de velhos tijolos escuros, os carris de um ramal de caminho-de-ferro invadido pelas ervas daninhas, um canal por onde a água se escoia, imunda e azul, com filamentos escuros de refugio indefinível a ondular na corrente. Nos caixilhos ferrugentos das janelas vêem-se chapas de folha-de-flandres entre as vidraças. Há um esgar em forma de crescente no globo do candeeiro público, no ponto em que uma pedra o estilhaçou, e desta abertura tomba em direcção ao solo, através da ininterrupta espiral ascendente de insectos, uma chuva esparsa e constante das mesmas criaturas, carbonizadas e sem vida.*

*Aqui, na foz do regato, os campos descem até ao rio, com a lama a formar um delta e a cuspir das suas espessas aluviões as ossadas e desperdícios pavorosos que albergava no seu seio, uma amálgama de caixotes de madeira despedaçados e preservativos e cascas de fruta. Velhas latas e frascos e artefactos domésticos destruídos que assomam da vasa dos charcos, repleta de excrementos, como marcos miliários nos vales virgens da dementia praecox. Um mundo para além de toda a fantasia, malévolo e táctil e desagregado, as lâmpadas estilhaçadas semelhantes a pólipos glabros, semitranslúcidos e da cor dos ossos do crânio, a boiar cegamente na água, e olhos espectrais de óleo, e de vez em quando, encalhadas, as formas nauseabundas de fetos humanos tumefactos como passarinhos, de olhos arregalados e pele azulada ou de um cinzento malsão. Mais adiante, no escuro, o rio corre num ressumar vagaroso em direcção aos mares meridionais, coalhado com os pés de milho e de outras culturas menores que a chuva devastou, impregnado de terra das hortas a montante, avançando a ranger no leito como uma torrente de ossos reduzidos a pó, transportando em si o passado, sonhos dispersos na água, vá lá saber-se como, nada se perde. Casas flutuantes oscilam, presas aos amarradouros. A lama baixa ao longo da margem jaz estriada e luzidia como a carcaça cavernosa de um qualquer animal pesadamente atolado, e, mais além, a paisagem estende-se, ondulante, em direcção ao Sul e às montanhas. Onde os caçadores e os lenhadores outrora dormiam de botas calçadas junto à luz moribunda das suas mil e uma fogueiras antes de tornarem a partir, velhos antepassados teutó-*

*nicos de olhos abrasados pela luz visionária de uma colossal rapacidade, vaga após vaga de homens violentos e loucos, de espíritos alimentados por réplicas obscuras de tudo o que existiu, arianos esguios com o seu livro de cordel semítico proscrito a reencenarem as parábolas e dramas nele contidos, alucinados e pálidos com um desejo que nada senão a reparação total proporcionada pelas trevas poderia saciar.*

*Chegámos a um mundo dentro do mundo. Nestas paragens inumanas, nestas fossas nauseantes e baldios intersticiais que as pessoas honradas avistam dos assentos de carruagens e carros, outra vida sonha. Deformada ou negra ou transtornada, fugitivos de todo o género, estranhos em todas as terras e lugares.*

*É uma noite serena. Como um acampamento antes da batalha. A cidade sitiada por uma ameaça desconhecida, e virá da floresta ou do oceano? Os mestres de pedraria fortificaram o recinto, os portões estão fechados, mas vede, a ameaça está dentro dos muros, e alguém adivinha que forma tem? Onde se alberga ou qual a bitola para lhe reconhecermos o semblante? Será um tecelão, lançadeira ensanguentada e célere a cruzar a urdidura do tempo, um cardador de almas saído da lanugem do mundo? Ou um caçador com seus podengos, ou será que cavalos descarnados até ao osso lhe puxam a carreta funerária pelas ruas, e será que ele a todos apregoa o seu ofício? Caro amigo, não o devemos perscrutar de perto, pois são precisamente tais meditações que o convidam a entrar.*

*O resto é silêncio, com efeito. Começou a chover. Uma chuva miúda de Verão, vemo-la a cair, oblíqua, nas luzes da cidade. O rio jaz na quietude do seu cálice de cascalho. Visto daqui, do alto da ponte, o mundo lá em baixo parece uma dádiva de singeleza. Curioso, nada mais. Além, em grutas de luz derramada, um gato volatiliza-se de pedra em pedra sobre a calçada de um negro líquido e, cosido em velozes antípodas através da rua sombria de chuva, acaba por desaparecer, gato e contragato, atrás do muro repleto de fendas, mais adiante. Ténues relâmpagos estivais lá longe, rio acima. Uma cortina ergue-se sobre o mundo ocidental. Uma fina chuva de fuligem, escaravelhos mortos, ossículos anónimos. Teias poeirentas enredam os espectadores sentados nas cadeiras. Dentro das órbitas vazadas do crânio do mestre-de-cerimónias dorme uma aranha, e os despojos articulados do histrião enforcado baloiçam, suspensos da bambolina, pêndulo de ossos em traje multicolor. Vultos quadrúpedes deambulam sobre o tablado. As formas mais agrestes sobrevivem.*

Perscrutava a água em cujo seio o sol matinal moldava girândolas de luz, grinaldas semelhantes a leques onde jazia aprisionado cada raminho, cada grão de sedimento, longos farrapos e lâminas de claridade na água poeirenta a deslizarem para longe como clarões pulsantes e fátuos coando os torvelinhos de partículas de pó. Uma mão pende-lhe sobre a borda e ele reclinasse de través na canoa, com a biqueira do sapato de lona a fazer covinhas intermitentes no rio ao sabor da leve oscilação do batel, deslizando para jusante por baixo da ponte e deixando vagarosamente para trás os pilares lambuzados de lama. Sob os arcos altos e frescos e os redutos sombrios do ventre do tabuleiro, onde os pombos tagarelam e o bater cavo das suas asas ecoa num aplauso austero. Ergue os olhos para estas abóbadas de catedral com os seus nós fósseis na madeira e cabeças pseudomórficas de rebites no betão cinzento, à deriva, a sombra inclinada da ponte a cobrir toda a largura do rio, na diagonal, com aquela ilusória aceleração patente nos velhos carros de corridas fixados em chapas fotográficas, de rodas elípticas devido à velocidade. Estas sombras formam-se sobre a canoa, moldam-se ao seu corpo deitado de bruços e logo se afastam.

De queixo aninhado na curva do braço, contemplou com olhos ociosos os fenómenos à tona, manchas de imundície a borbulhar tenuemente, coágulos cinzentos de resíduos indefiníveis e preservativos amarelos a libertarem-se aos poucos da vasa, quais formas gigantescas de fascíolas ou ténias. O rosto de quem assim observava ia deslizando ao lado da embarcação, um semblante em tons sépia a sulcar a espuma, de olhos a dardejar à esquerda e à direita e esgar aquoso. Uma vergastada serpenteou preguiçosamente à superfície do rio, como se algo de invisível se tivesse agitado nas profundezas, e pequenas bolhas de gás irromperam em espectros oleosos.

Tendo deixado a ponte para trás, endireitou-se com gestos vagarosos, pegou nos remos e começou a remar em direcção à margem sul. Uma vez aí chegado, fez rodar o bote e imprimiu-lhe um impulso para que a popa penetrasse num maciço de salgueiros, e, dirigindo-se para a ré, ergueu uma grossa linha de pesca que entrava na água, partindo de um tubo de ferro cravado na lama da margem. E foi este fio que ele enfiou numa forqueta larga montada no pano da ré. Partiu então de novo, a remar lentamente, com a linha a assomar, molhada e macia, através da forqueta, para logo tornar a mergulhar no rio. Quando estava a uns dez metros da margem, o primeiro estropo emergiu, bifurcando a linha até que ele estendeu o braço e o devolveu à água. Continuou a avançar, com a canoa ligeiramente de viés para resistir à força do rio, os anzóis a subirem um por um até à forqueta com os seus pedaços de carne deslavada, em frangalhos. Quando sentiu o peso do

primeiro peixe, pousou os remos gotejantes no fundo do barco e agarrou a linha e puxou-a à mão. Uma grande carpa rompeu a superfície da água, flanco revestido por uma grosseira cota de malha, bronze fosco, a cintilar. Apoiou-se num joelho e içou o peixe para dentro do barco e cortou o estropo e amarrou-lhe um novo anzol com um naco de isco preso e atirou-o borda fora e continuou a navegar, remando com uma só mão, a carpa a contorcer-se pesadamente contra as tábuas do fundo.

Quando acabou de percorrer a linha, alcançara a margem oposta. Tornou a pôr isco no último anzol e soltou o grosso fio, vendo-o afundar-se na água lodosa por entre um halo reluzente de grãos de poeira a cintilar ao sol, uma coroa fragmentada através da qual alvejou por momentos o derradeiro naco esbranquiçado de carne rançosa. Enfiando os remos dentro do barco, tornou a esparramar-se sobre os bancos para apanhar sol. A canoa baloiçava de mansinho, à deriva na corrente. Desabotoou a camisa até à cintura e cobriu os olhos com o antebraço. Ouviu o rio a palrar delicadamente debaixo de si, o velho rio caudaloso de rosto enrugado. Sob o fluir da água havia canhões e trens de artilharia, munhões presos na lama, a cobrirem-se de ferrugem, barcaças apodrecidas até adquirirem a consistência de mucilagem. Lendários esturjões com os seus corpos pentagonais, córneos, as carpas acobreadas e cintilantes como leuciscos e os peixes-gato de ventre alvacentos e sem jito, um lodo espesso crivado de cacos de vidro, com ossos e latas ferrugentas e pedacinhos de faiança reticulada com gretas de vasa negra. Na margem oposta erguiam-se as falésias de calcário, cinzentas e toscamente facetadas e salpicadas de erva aqui e além, em delgadas fissuras verdes. No ponto em que se projectavam sobre o rio, sobranceiras à água, davam uma sombra fresca, e a superfície do líquido jazia calma e escura, reflectindo, qual estrelinha branca, a silhueta de um borrelho a planar no fluxo de ar ascendente, junto à orla da muralha rochosa. Debaixo do banco da canoa, um peixe-gato nadava em seco, indómito, com o focinho largo encostado ao painel da popa.

Ao passar junto da foz do regato, levantou a mão e acenou lentamente a um grupo de velhas negras, todas floridas e de chapéus na cabeça, a assomar aqui e além como um jardim fustigado pelo vento, de bengalas a baloiçar e os braços escuros a erguerem-se no ar em gestos aleatórios, as vestes garridas e barbarescas a ondear com o movimento. Mais além, a silhueta da cidade ao emergir exibía uma aparência de metal forjado, sem brilho, como ferro martelado, escuro e fumegante, contra um céu de porcelana. O litoral ribeirinho encardido estendia-se, retorcido e cintilante sob o calor, e não se ouvia som algum naquela solitária manhã estival.

A jusante da ponte ferroviária metálica, começou a percorrer a sua outra linha de pesca. Sentia o calor da água ao tocar-lhe na pele e o líquido tinha uma viscosidade granulosa, como grafite. Era já meio-dia quando terminou e ficou-se de pé na canoa alguns momentos, a contemplar a pescaria. Re-